

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

QUE HOMEM PRETENDEMOS PARA O DIA DE AMANHÃ?¹

Serge Tisseron

Serge Tisseron (Valença, 1948-) é psiquiatra e doutorado em Psicologia. É membro da Academia de Tecnologias, desde 2015, e membro do conselho científico do CRPMS, Universidade Paris VII Denis Diderot. Foi um dos principais responsáveis pelo relatório *A Criança e os Ecrãs*, publicado em 2013 pela Academia das Ciências.

A sua vasta obra, traduzida em catorze idiomas, conta com inúmeros ensaios, capítulos de obras bem como direcção de revistas e de obras colectivas na área privilegiada da sua investigação: educação, família, traumatismos, resiliência e, nos últimos anos, a influência das novas tecnologias no ser humano, em particular, as relações que se estabelecem, individual e colectivamente, entre o homem e a máquina. É também autor, até à data, de cinco álbuns de banda desenhada.

Na sua vasta obra, destacam-se, entre outros, *Tintin chez le psychanalyste* (1985), *Le Bonheur dans l'Image* (1996), *Les Bienfaits des Images* (2002), *Rêver, fantasmer, virtualiser : du virtuel psychique au virtuel numérique* (2012), *L'enfant et les écrans, un avis*

¹ Serge Tisseron, "Préface", in Vincent Calais e Stanislas Deprez (dir.) (2019). *Le corps des transhumains*. Toulouse: Éditions érès.

de l'Académie des Sciences (2013), Le jour où mon robot m'aimera, vers l'empathie artificielle (2015), L'emprise insidieuse des machines parlantes, plus jamais seul (2020).

O corpo desempenha um papel importante na construção de marcas identitárias e sociais. É a partir do corpo que a criança constrói a sua relação com o espaço, mas também as categorias lógicas que estruturam o seu pensamento (Poincaré, 1970). É também porque cada uma das suas acções tem consequências irreversíveis que constrói a representação de um tempo que passa sempre no mesmo sentido sem nunca oferecer a possibilidade de o suspender nem de o recuperar. É, pois, através do corpo que a criança constrói a sua relação com o outro. É guiada inicialmente pela sua capacidade de imitação motora, seguida, logo depois, pela sua capacidade de imitação emocional. Sente as emoções dos seus interlocutores, esforçando-se por reproduzir os gestos.

O corpo constitui, assim, ao mesmo nível que as imagens – mentais ou imateriais – e as palavras um suporte de construção das suas representações do mundo². Não só o corpo humano comunica através dos gestos, das mímicas, das imagens e das palavras como estes três suportes intervêm também no trabalho de simbolização, isto é, na formação de representações mentais que guia, mais ou menos sem o nosso conhecimento, a nossa relação com o mundo. Estudos recentes demonstraram-no: bloquear os gestos de uma pessoa, seja por imposição de uma ordem para respeitar, seja por um processo químico como o Botox, modifica não só a compreensão que tem dos gestos dos seus interlocutores, mas também aquela que constrói a partir de

² Insurgi-me, já desde 1975, contra a posição ideológica que fazia da linguagem o meio exclusivo do trabalho psíquico de simbolização. Com a minha tese em Medicina realizada em banda desenhada quis mostrar que as imagens são uma forma de simbolização por si só. E em 1983, com a minha tese em Psicologia consagrada ao gesto no desenho, quis considerar o corpo como um suporte essencial do processo de simbolização.

um texto que lhe é dado a ler. Bloquear as rugas que acompanham a expressão da tristeza reduz a compreensão de um texto triste, ao mesmo tempo que bloquear aquelas que acompanham a expressão da alegria reduz a compreensão de um texto alegre. Assimilamos a todo o momento novas aprendizagens, apoiando-nos em três recursos: os gestos e as emoções que os acompanham, relacionados com a simbologia sensorial, emocional e motora; as imagens mentais, nomeadamente com a representação do resultado desejado; e, finalmente, a capacidade de evocar verbalmente esta atividade, tanto no seu curso como no significado que tem para si mesmo.

No entanto, nos próximos anos, as tecnologias digitais vão transformar o nosso corpo. Este é mesmo o objetivo reivindicado pelo projeto transhumanista. Direccionado, primeiro, para a extinção da doença e da morte, procura também que um dia possamos destacar as nossas capacidades mentais do nosso corpo físico, para permitir que vivam eternamente num envelope de materiais inertes cujos componentes poderiam ser renovados regularmente. Mas não nos enganemos no alvo. Se as transformações prometidas pelo transhumanismo, que já se anunciam para um futuro entre dez e trinta anos, o desenvolvimento da inteligência artificial (IA) e das tecnologias robóticas já estão a mudar a nossa relação com o mundo, com nós próprios e com os outros.

Como é evidente, a evolução das mudanças tecnológicas contém enormes oportunidades, especialmente em termos de saúde e educação. Desde que saibamos manter a especificidade humana. O presente livro, dedicado às verdadeiras e falsas promessas do transhumanismo, segue essa linha. Mostra-nos que, se a palavra parece evocar um futuro distante, as questões éticas e psicológicas levantadas pelos seus defensores fazem já parte do nosso presente. Com máquinas de “computação afectiva”, “empatia artificial” e “humor computacional”, é provável que novas formas de dependência possam surgir. Mas o mais grave é que muitos humanos correm

o risco de se transformar gradualmente num terminal das capacidades de raciocínio e de tomada de decisão dos seus aparelhos tecnológicos. A palavra “controle”, associada nos anos 30 à ideia de uma transformação dos indivíduos através de uma modificação calculada do seu ambiente social, mudou totalmente o seu significado. Está actualmente associada às possibilidades de intervir de forma direccionada na esfera mais íntima de cada um, dentro do seu microcosmo particular, através dos objetos da sua proximidade. Foi o que revelou o escândalo da Cambridge Analytica, uma editora estratégica que enviou a dezenas de milhões de americanos anúncios políticos rigorosamente adaptados aos interesses e personalidade de cada um, de modo a levá-los votar no candidato Donald Trump.

O imaginário do século XX pretendeu ver o homem como uma máquina igual às outras, seja no trabalho ou na guerra. O imaginário do século XXI parece cada vez mais empenhado em reconhecer na máquina uma outra organização possível da liberdade e da consciência, com a qual o homem teria de lidar em breve, atribuindo-lhe direitos específicos. Mas entre o homem transformado no autómato do século XX e o autómato dotado de qualidades humanas que alguns anunciam para este século não há necessidade de escolher. Ambos fazem parte da mesma ideologia que visa desapropriar o ser humano daquilo que faz a sua especificidade, nomeadamente as relações sociais e históricas que o estabelecem como tal e a sua capacidade de assim se deixar reduzir ou, pelo contrário, a reconhecê-los e a escolher direcções que estes determinismos não permitem prever.

Por outras palavras, o imaginário do homem-máquina não é menos pernicioso do que o da máquina-homem. É apenas um novo avatar da tentação de privar o homem daquilo que constitui a dimensão trágica da sua existência, ou seja, a sua liberdade. A verdade é que não há homem-máquina, nem tão-pouco máquina-homem. Há apenas homens e máquinas, envolvidos em inter-relações cada vez mais complexas através das quais uns e outros não cessam de se transformar mutuamente.

Nos próximos anos, uma das tarefas da psicologia será compreender como é que a pessoa modificada se vai entender a si própria e aos outros. Na verdade, mesmo quando o nosso cérebro não estiver directamente implicado, estas transformações terão inevitavelmente consequências na vida mental. Até onde é que o homem modificado pela máquina continua a ser um “homem” e a partir de quando se torna uma “máquina”? É provável que duas abordagens entrem em conflito: por um lado, uma teoria da mente humana e, por outro lado, uma teoria do pensamento da máquina, ainda por construir. Torna-se cada vez mais evidente que a IA, embora concebida pelo homem, não “pensa” como ele. Poderão estas duas formas de inteligência entrar em conflito dentro de um cérebro humano, levantando problemas de livre-arbítrio? A psicologia do século XX tem-se dedicado a entender a relação do homem com os seus semelhantes. A do século XXI deve estudar o modo como este é transformado por máquinas cada vez mais capazes de modificar as suas experiências sensoriais e motoras. Esta nova disciplina só pode ser designada de “ciberpsicologia”, em referência ao trabalho pioneiro de Norbert Wiener³.

Por último, não esqueçamos que a ideia de um homem aumentado se inscreve na lógica de uma sociedade que, hoje em dia, está centrada no indivíduo. O Transhumanismo situa-se nesta lógica. Não é demasiado tarde para substituí-lo por outro paradigma: o do vínculo social. Um vínculo emancipatório com o outro, o que define uma co-resiliência (Tisseron, 2007). Será que queremos tecnologias que nos permitam tornarmo-nos cada vez mais poderosos, mais competitivos, mais conquistadores? Ou, pelo contrário, que nos permitam conhecermo-nos a nós próprios melhor, conhecermos melhor os outros e envolvermo-nos mais em tarefas colaborativas? Com a tecnologia, tudo é possível. É de uma escolha social que se trata. Cada um dos

³ O Instituto para o Estudo das Relações entre seres humanos e robôs (www.ierhr.org) foi criado a 5 de outubro de 2013, para lançar as bases.

autores deste livro demonstra-o à sua maneira e se os piores cenários são por vezes considerados é para nos alertar para a sua possibilidade e nos encorajar a assegurar que não aconteçam.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

ANA ISABEL MONIZ

Universidade da Madeira